ESTILO E HUMOR: A ESCOLHA LEXICAL NOS CARTUNS DE BRUNO DRUMMOND

Ângela Cristina Rodrigues de CASTRO*

RESUMO

Este artigo tem a proposta de apresentar um estudo das escolhas lexicais em cartuns de Bruno Drummond, partindo da concepção de que essas escolhas se materializam como elementos estilísticos chave para o estabelecimento do humor em tal gênero discursivo. O suporte para tal análise encontra-se na Lexicologia e na Semântica (VILELA, 1994; ALVES,2007; HENRIQUES,2008; RASKIN,1985), assim como em pressupostos da Linguística Textual (POSSENTI,1998; FRANÇA,2003; VALENTE et alii, 2005), da Estilística (CARVALHO, 2004, FLORES et alii., 2009, BRAIT, 2005, MARTINS, 2008), da Análise do Discurso (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008) e da Pragmática (REYES,1994).

Palavras-Chave**:** Escolhas Lexicais; Polissemia; Estilística; Textualidade; Humor.

INTRODUÇÃO

A Estilística é uma disciplina linguística que estuda os recursos afetivo-expressivos da língua e que é dotada de um caráter descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa (CARVALHO, 2004). Nesse processo, ela leva em conta a situação, o contexto de uso e a interlocução estabelecida. Bally (apud FLORES et alii., 2009, p.113) destaca que "se trata de um estudo linguístico, à medida que busca a face expressiva dos pensamentos e não a face pensada dos fatos expressos" (grifo meu). Ou seja, a Estilística considera **o que** do pensamento do sujeito está expresso no uso que ele faz da linguagem e **como** o uso da linguagem atua sobre sua subjetividade.

Partindo-se da conceituação acima proposta e da perspectiva dialógica do **discurso** (i.e. a forma materializada de enunciados previamente elaborados), considera-

*Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ)
E-mail: rcastrocristina@gmail.com

se aqui que o **estilo** advenha da confluência das inúmeras vozes que participam da constituição da consciência individual e que seja de natureza social, uma vez que a atividade mental do falante é constituída em território social. Em "O discurso na vida e o discurso na arte", de 1926, assinado por Voloshinov, lê-se: "O estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma de seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa" (BRAIT, 2005, p.93).

Segundo Brait (2005, p. 94-5),

> o estilo, assim colocado, entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. O estilo pode ser um objeto de um estudo específico, especializado, considerando-se dentre outras coisas, que os estilos têm a ver, também com gênero, o que implica coerções linguísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere. Além disso, um outro aspecto constitutivo e inalienável é o fato de o enunciado *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário*.

Em outras palavras, o estilo depende de como o locutor percebe e compreende seu destinatário e de que forma ele presume uma compreensão responsiva ativa[1].

Compreende-se, então, que o trabalho analítico e interpretativo de textos vai depender do(s) tipo(s) de linguagem utilizado(s) na sua construção: ao debruçarmo-nos sobre textos verbais, por exemplo, devemos fazê-lo a partir do esmiuçamento de campos semânticos, micro e macro organizações sintáticas, marcas e articulações enunciativas que caracterizam o discurso em foco e indiciam a sua heterogeneidade, o gênero a que pertencem e os gêneros que nele se articulam, a tradição das atividades em que se inserem, o inusitado de sua forma de ser discursivamente, sua participação ativa nas esferas de produção, circulação e recepção.

Seguindo estas orientações, proponho aqui que façamos uma leitura dos cartuns de Bruno Drummond, da série *Gente Fina*, segundo uma perspectiva que leva em conta duas linhas da Estilística – a Estilística da Palavra e a Estilística da Enunciação –, considerando-se aí a importância do estudo das escolhas lexicais e da coerência textual, e ressaltando o seu pertencimento, como gênero, à tipologia textual "texto humorístico", e a sua presença marcante em nosso cotidiano, seja nos jornais diários (onde dividem espaço com as charges) retratando reflexões sobre a condição humana, seja como forma

[1]A partir da consideração deste aspecto é que iremos discutir, no item 1.3, os fatores pragmáticos da textualidade.

de expressão em nosso ambiente de trabalho, nas salas de aula, na nossa comunidade, no nosso grupo social.

Destarte, ressalto a importância de mais esse estudo linguístico sobre cartuns, sobre a forma como a palavra é trabalhada na sua constituição, sobre a partir de quais processos semânticos, estilísticos e pragmáticos é trabalhada.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A ESTILÍSTICA DA PALAVRA

Martins (2008, p. 97) conceitua a estilística léxica ou da palavra como o ramo da estilística que estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais – os atos de fala, por exemplo, resultam da combinação de palavras segundo as regras da língua. Para ela, um dos conceitos possíveis para o léxico é o de que ele constitui o conjunto de palavras de uma língua[2], conceito que implica a divisão das palavras em lexicais e gramaticais.

As palavras gramaticais têm significação possível de ser apreendida somente no contexto linguístico, isto é, são dotadas de significação intralinguística. As palavras lexicais, por sua vez, mesmo isoladas, fora da frase, "despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações" (MARTINS, 2008, p. 104), e, por isso, diz-se que têm significação extralinguística. Além disso, este último grupo de palavras é dotado de possibilidade constante de renovação, sendo denominadas de palavras de "inventário aberto".

Conforme afirma Vilela (1994, p. 24), "o conhecimento lexical é conhecimento da língua e conhecimento cultural (...)" e o processo de aprendizagem do léxico "não é um simples processo de aquisição de regras de referência ou representação, mas também um processo de aculturação". Assim, pressupostos teóricos como a frequência textual, a relevância do termo lexical para a respectiva comunidade linguística, a função cultural

[2]Nesse sentido, o **léxico** constitui "a totalidade das palavras numa língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras" (VILELA, 1994, p. 10).

do léxico (evidenciando relações metafóricas e metonímicas) são considerados na análise semântica. Enfim, a escolha lexical e os significados acarretados por essa escolha são responsáveis por estabelecer a coerência textual, assim como auxiliam na construção do percurso temático.

Cabe ressaltar aqui, neste momento, a função primordial da **lexicologia** - a de reunir as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo como no aspecto forma, abrangendo domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, e relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. Neste âmbito, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam à lexicologia, área em associação com a estilística da palavra.

O léxico de qualquer língua apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem sistematicidade, a qual provém das relações paradigmáticas e sintagmáticas. Tal perspectiva, acrescida das perspectivas pragmáticas, comunicativas e cognitivas, permite que se estabeleça aqui a sua interação com a **semântica**, entendida aqui como o estudo do significado das expressões das línguas naturais, considerados aspectos contextuais e culturais.

1.2 A ESTILÍSTICA DA ENUNCIAÇÃO

Conforme já explicitado anteriormente, a enunciação é um ato de comunicação verbal – ou seja, a enunciação implica falar e ouvir (e, acrescento, esboçar uma atitude responsiva).

O produto do ato de enunciação é o enunciado, sequência acabada de palavras de uma língua emitida por um falante, sequência que, nas últimas décadas, dominou quase que exclusivamente a atenção da Linguística (MARTINS, 2008, p. 231). Hoje em dia, tal perspectiva está um tanto quanto modificada, visto que há muitos estudos linguísticos cujo foco encontra-se na problemática da enunciação, na busca de compreender as leis enunciativas partindo do enunciado realizado.

Martins (2008, p. 234) informa que no *Dicionário das Ciências da Linguagem* Tzvetan Todorov distingue Estilística do Enunciado de Estilística da Enunciação, sendo

a primeira a que se ocupa do aspecto verbal, suas particularidades fônicas, morfológicas, semânticas, sintáticas; a última ocupar-se-ia da relação entre protagonistas do discurso – locutor, receptor, referente.

Tendo em vista todos os posicionamentos assumidos neste estudo, inclusive o do conceito de estilo, acredito que não haja atualmente a necessidade de distinção entre as duas, visto que a estilística da enunciação lida tanto com um aspecto quanto com o outro, daí a minha opção por englobá-los em uma denominação apenas.

Conforme o percurso dialógico adotado aqui, vale ressaltar que a **intertextualidade**, o aproveitamento ou citação de enunciados por um falante, é um assunto muito importante para a estilística da enunciação, visto ser fato que "um discurso geralmente inclui, de forma explícita ou implícita, perceptível ou velada, palavras, expressões, enunciados tomados a outros discursos" (MARTINS, 2008, p. 237). É também fato nos estudos sobre a polifonia textual que todos nós falantes nos apropriamos de enunciados alheios, sem mesmo darmos conta disso.

Acrescento, assim, a dimensão ideológica da **interdiscursividade**, a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, em identidade constante com o(s) discurso(s) de onde emerge, uma vez que a enunciação "não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomada de falas, já ocorridas ou virtuais (...)" (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 287).

Em resumo, no estágio atual em que se encontra, a estilística da enunciação abre espaço para que o estudioso avance em direção também ao estudo do encadeamento e das condições de produção da palavra e da frase.

1.3 FATORES PRAGMÁTICOS DA TEXTUALIDADE

A escolha vocabular é de importância vital para a construção do sentido, sendo também necessária para se avaliar as intenções do autor ao elaborar seu texto – o vocabulário, então, apresenta-se como elemento revelador. A título de ilustração, passo a transcrever um trecho de uma entrevista do cartunista Bruno Drummond ao *sitePortal Imprensa*, acessado em 20 de julho de 2010:

> Segundo ele [Bruno Drummond], tudo em seus cartuns é autoral, "do texto ao traço". "Passo muito tempo escrevendo, apagando, riscando e reescrevendo os textos até que as palavras se encaixem e, muitas vezes, depois do cartum pronto, tenho o desejo insano de escrever novamente. (...) (MOULATLET, 2009) (grifo meu)

Conforme Graciela Reyes (1994, p.19), "a diferença mais elementar entre os significados que geramos ao falar ou escrever é que alguns são intencionais e outros não". A **pragmática**, enquanto área de estudo, tem se concentrado na análise de como produzimos o significado intencional; é a análise de como dizemos *o que queremos dizer* e como compreendemos quando nos dizem *o que querem dizer*. A autora afirma:

> Há uma lógica nos intercâmbios comunicativos, uma intencionalidade direcionada a um fim, a um desejo sistemático dos falantes em preservar o sentido do discurso, sua coerência, sua efetividade. Sem dúvida, o estudo do uso da linguagem deve incluir os usos discordantes ou mais ou menos limitados, e vem surgindo nos últimos anos uma tendência nova: o interesse por como os falantes, mais que falantes e ouvintes, são participantes, ou seja, participam em uma atividade que consiste em produzir significados mediante a linguagem (...) (REYES, 1994, p. 19). (tradução minha)

Seguindo o que foi desenvolvido até aqui, embora um aspecto textual como a coerência seja de ordem semântica ou formal (cf. item 1.1), é ele que estabelece a relação entre a perspectiva semântico-lexical e a pragmática, perspectiva esta última que abarca fatores como **intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade**, todos centrados nos usuários (VALENTE et al, 2005). É a partir desses fatores, que os leitores estabelecem um processo cooperativo de compreensão do texto, colaborando para o projeto de sentido do texto.

2. TEORIAS PARA O ESTUDO DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS

> *"O riso é suscitado por certa dedução que parte do visível para chegar ao que se esconde atrás dessa aparência."*
>
> (PROPP,1992, p.176)

Desde Platão, o fenômeno humorístico é objeto de investigação filosófica. Em princípio foi considerado algo negativo, falso, característica de pessoas fracas. Somente em 1579, com Laurent Joubert, médico, é que o riso passa a ser analisado de forma mais científica e considerado positivo (FRANÇA, 2003).

Em muitas outras disciplinas, como a Psicologia, a Psicanálise, a Antropologia e a Sociologia, o interesse sobreveio modernamente. Também a História, a Semiótica, a Teoria Literária e, muito em especial, a Linguística, incluindo a Linguística Textual e a Análise do Discurso, passaram a contribuir, mais recentemente, para a criação de uma ampla comunidade científica do estudo do humor. Aí, encontramos contribuições de linguistas como Possenti, entre outros.

Nos dias de hoje, o texto humorístico, que já ultrapassou os limites das simples piadas, do "O que disse ... para o ...?" das brincadeiras de crianças, avançou para o texto literário, para o ambiente político, para uma crítica dos costumes, para o texto publicitário.

2.1 MECANISMOS SEMÂNTICOS DO HUMOR VERBAL

No princípio dos estudos linguísticos organizados sobre o riso, sobre o humor, já no século XX, mais precisamente em 1985, encontramos a contribuição valiosíssima de RASKIN com sua obra *Semantic Mechanisms of Humor* (*Mecanismos semânticos do humor*) – seu objetivo era o de instituir uma modelo formal da competência humorística e ressaltar que combinações cediam lugar a estruturas humorísticas e quais não cediam.

Para o autor, o texto de humor verbal para ser formulado deveria ser compatível com dois princípios gerais:

> 1. ser o texto compatível, todo ou em parte, com dois *scripts*[3] diferentes;
> 2. serem os *scripts* opostos num senso (real/não real, esperado/inesperado) (RASKIN, 1985, p.99).

A sobreposição de um *script* sobre o outro daria origem a uma segunda interpretação do texto, levando ao humor. Segundo ele, todos textos de humor (piadas, na sua análise) seguiam essa linha de ação de sobreposição (*overlap*) de scripts, materializada por meio da **ambiguidade**[4] de uma palavra.

[3]Koch e Travaglia (1990, p. 60) esclarecem tal noção como "conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas".

[4]Sabemos que nem todo texto ambíguo é engraçado e que nem é só a sobreposição que faz o texto ficar engraçado.

A teoria de Raskin (1985) sobre a construção do texto humorístico advogava, em resumo, que o humor seria simplesmente a súbita percepção da incongruência entre o conceito e o objeto real, um jogo de relações de desapropriações, paradoxos e dissimilaridades – o leitor deveria, então, comparar os elementos da situação, interpretando o significado das incongruências. O humor seria provocado por uma espécie de ***gatilho* linguístico,** ou seja, um mecanismo linguístico, o qual em combinação com o contexto de produção do texto levaria ao humor.

Acredito que o problema que se apresenta em sua teoria é o fato de que o linguista só entendia que **os textos seriam interpretados com um único significado** (após a sobreposição dos *scripts*), fator esse que considero problemático, visto que o **humor vem exatamente da comparação de dois possíveis significados, acionados ao mesmo tempo, e na comparação dos dois é que ele se estabelece**. De qualquer forma, considero sua teoria o pontapé inicial para qualquer estudo semântico e lexical da linguagem do humor.

2.2 UMA TEORIA LINGUÍSTICA DE ANÁLISE DOS TEXTOS DE HUMOR

Outro linguista a ser ressaltado aqui devido a seus estudos sobre a linguagem humorística é Sírio Possenti. Em seu livro *Os humores da língua*, o autor afirma que [na época em que seu livro foi publicado] a maioria das obras sobre o humor versava sobre questões psicológicas, fisiológicas e sociológicas e que poucas faziam referência ao aspecto linguístico do humor. Por isso, a sua opção por fazer uma análise de piadas no enfoque linguístico. Ele diz: "o que eu gostaria de fazer analisando piadas: descrever as chaves linguísticas que são o meio que desencadeia nosso riso" (POSSENTI, 1998, p. 17).

Possenti (1998) ressalta também a importância dos conhecimentos diversos para entender uma piada, assim como para entender outros textos; de conhecimento partilhado entre falante e ouvinte; de conhecimentos linguísticos para "sacar" uma piada.

Para o linguista, não deveria existir uma "linguística do humor", visto que seria "mais ou menos como imaginar que os humoristas, em especial, e todos os produtores de chistes, decidissem só construir textos humorísticos que explorassem determinado

aspecto de determinada língua ou da linguagem" (POSSENTI, 1998, p. 21). Os aspectos explorados são os mais diversos, segundo ele, talvez todos ou quase todos como utilizados cotidianamente, para fazer literatura ou para a escrita em geral:

> Com estes dados, podem-se discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições etc. Tudo isso poderia, evidentemente, se discutido também com textos não humorísticos (aliás, é quase só o que se faz). (POSSENTI, 1998, p.21)

No capítulo intitulado "Os humores da palavra", POSSENTI ressalta algumas características da palavra que podem ser exploradas para a produção do humor, características que vão desde o conhecimento, por parte do leitor, da palavra até o pertencimento a uma classe de palavras, a uma configuração sintática, até a caracterização dos falantes.

O autor lembra a teoria raskiniana da explicação dos chistes com base nas pressuposições, inferências, implicaturas, estratégias conversacionais etc, conquanto, em detrimento dessa teoria, afirme que haja variados tipos de chistes baseados em palavras, "e não apenas em ambiguidade ou em associações possibilitadas por pequenas diferenças no material verbal" (POSSENTI, 1998, p.80), oferecendo indícios de que o humor da palavra seja mais sofisticado do que parece à primeira vista. Ou seja, para o autor, o papel das palavras na construção do humor vai além do duplo sentido e, mesmo quando depende de palavras de duplo sentido, o humor pode ser "incrementado", incremento esse que adviria da maior complexidade linguística ou de temas duplamente recalcados.

A meu ver, estas conclusões de Possenti permitem corroborar o que afirmei ao final do item 2.1. – que o humor pode vir exatamente da comparação de dois possíveis significados, acionados ao mesmo tempo, e na comparação dos dois é que ele se estabelece – fator esse que depende, de forma concomitante, do maior desempenho lexical da palavra. Conforme o referido linguista aponta, "a palavra pode ser um lugar de interessantes investigações" (POSSENTI, 1998, p.91).

3. O CARTUM – O TRAÇO E AS PALAVRAS EM BRUNO DRUMMOND

O cartum é um texto de humor menos circunstancial que a charge e estabelece uma reflexão sobre a condição humana. Conforma afirmou Ique, chargista e cartunista,

numa mesa-redonda com Aroeira, na UERJ, em 2000, o cartum é "normalmente sobre crítica de costumes; a piada da ilha deserta, a do ceguinho que atravessa rua (...)" (VALENTE, 2001, p.167-8). No mesmo evento, Aroeira afirmou:

> A charge é datada porque está vinculada ao acontecimento político, mas, algumas vezes, as charges conseguem virar um cartum, pois são tão boas que conseguem representar uma situação corrente em qualquer contexto político. Você pode olhar essa charge 35, 45, 60 anos depois de sua criação que ela continua funcionando, ou seja, ela é um cartum. (VALENTE, 2001, p.168)

Ou seja, a condição *sinequa non* para que um texto humorístico seja considerado um cartum é que ele seja não circunstancial e não temporal. Conforme afirma Stegun, ilustrador, em seu artigo sobre caricaturas, "temas universais como o náufrago, o amante, o palhaço, a guerra, o bem x mal, são frequentemente explorados em cartuns. São temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas em diferentes épocas". Assim, devido a esta atemporalidade temática, o leitor deve ter um conhecimento compartilhado a respeito de mundo para entender o cartum.

Na construção de seus cartuns, Bruno Drummond afirma que gostaria de ir além da proposição do riso. Ele diz:

> Queria resgatar uma antiga tradição do desenho de humor, a do traço como registro de época, anotando hábitos e costumes do cotidiano. Característica comum nos cartuns do início do século XX e que se perdeu com o uso da fotografia. O que é uma pena, pois são registros complementares e diferentes. Acho que as três palavras que definem meu trabalho são riso, reflexão e registro.(Extraído do site Portal Imprensa, acessado em 20/07/2010.)

Conforme registro feito para a revista *Kalunga*, acessada na sua versão digital em 20 de julho de 2010, sabe-se que as principais referências do cartunista são J.Carlos, K.lixto e Raul Pederneiras, considerados por ele mestres do cartum da primeira metade do século XX.

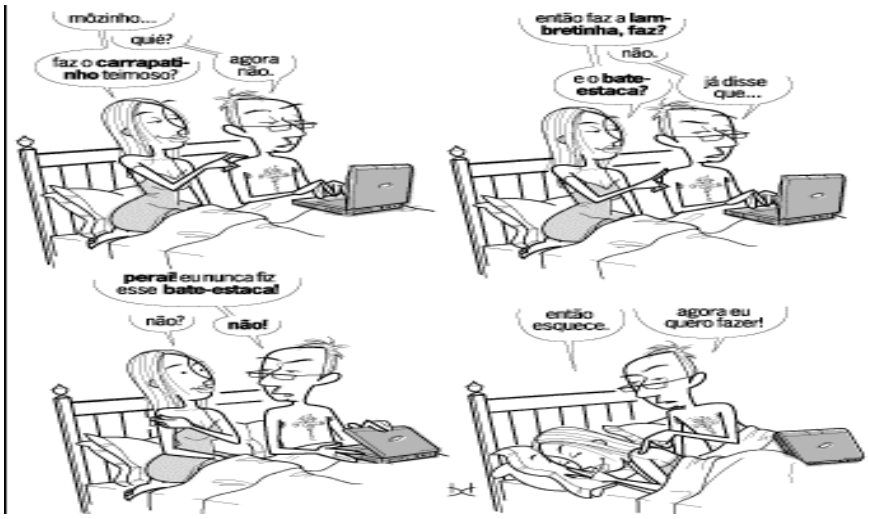
> Sobre o conteúdo, a gente nunca sabe quando a inspiração vai aparecer. Por isso, procuro estar sempre com um caderno e um lápis à mão para não ser surpreendido. Mas existem, é claro, formas de estimulá-la. Uma ideia pode surgir da leitura de um livro, de um outro cartum, de um filme, de uma conversa com os amigos ou de uma reflexão pessoal. (grifo meu)

Ou seja, os aspectos da intertextualidade e da interdiscursividade são importantíssimos na construção de seus cartuns, visto que na referência a outros textos ele constrói o seu (cf. item 1.2).

Seja qual for a sua intenção enquanto cartunista, artista gráfico, no que concerne à associação da linguagem visual ao tratamento das palavras nos cartuns, assim como nas tirinhas, pode-se dizer que exista um "tratamento plástico" diferente do usual, com formas e espessuras diferentes, transformando os significados e possibilitando conotações diferentes daquelas de um texto eminentemente escrito. Dessa forma, é possível perceber quando um personagem está falando alto, cochichando e até (por que não?) sendo irônico.

Observa-se que em alguns cartuns de Bruno Drummond, um ou mais itens lexicais podem vir repetidamente grafados em negrito, recurso que notadamente:

1. pontua as reações de seus personagens;
2. torna claro para o leitor o elemento chave a partir do qual deverá ativar seus *scripts*,construir suas inferências e significados;
3. marca o uso da ironia;
4. ressalta a polissemia da palavra.



(Cartum # 1: disponível emwww.brunodrummond.com)

Neste exemplo, verificamos que os itens lexicais destacados – *carrapatinho, lambretinha, bate-estaca* – relacionam-se ao campo semântico de "posições sexuais", contexto que somos também levados a considerar e confirmar pelo ambiente físico onde

ocorre o diálogo (quarto do casal, cama). A segunda vez em que o item lexical *bate-estaca* é repetido, ele é precedido de *peraí!*,interjeição que indica o clímax do cartum (é o *gatilho* linguístico de Raskin), onde começa a reviravolta no diálogo que levará ao humor.

Este exemplo, além de ilustrar o modo gráfico de construção do cartum, ressalta também a importância da escolha lexical na construção do cômico (cf. item 2.2).

4. "GENTE FINA ... É OUTRA COISA"

A partir dos pressupostos teóricos e das abordagens feitas em relação ao humor aqui relatadas e explicitadas, parto agora para a análise de um grupo de cinco cartuns de Bruno Drummond, da série *Gente Fina*, publicação dominical da *Revista*, de *O Globo*, por meio do uso da linguagem verbal presente nos cartuns, considerando o aspecto da escolha lexical.

Antes de iniciar a análise proposta, considero ser importante tecer duas considerações prévias sobre a série de cartuns intitulada *Gente Fina*, a saber:

1. foi escrita para ser um olhar sobre os tipos de cariocas, registrando seus ridículos e seus excessos e, como bem aponta o cartunista, "sem a gargalhada fácil, mas com um sorriso honesto" (DRUMMOND: 2007, p.8);
2. foi inspirada em tipos advindos da classe alta e média-alta - dondocas com amantes, a filha baladeira do corrupto, as patricinhas que amam escova progressiva, as cantadas baixas em gente que não vale a pena.

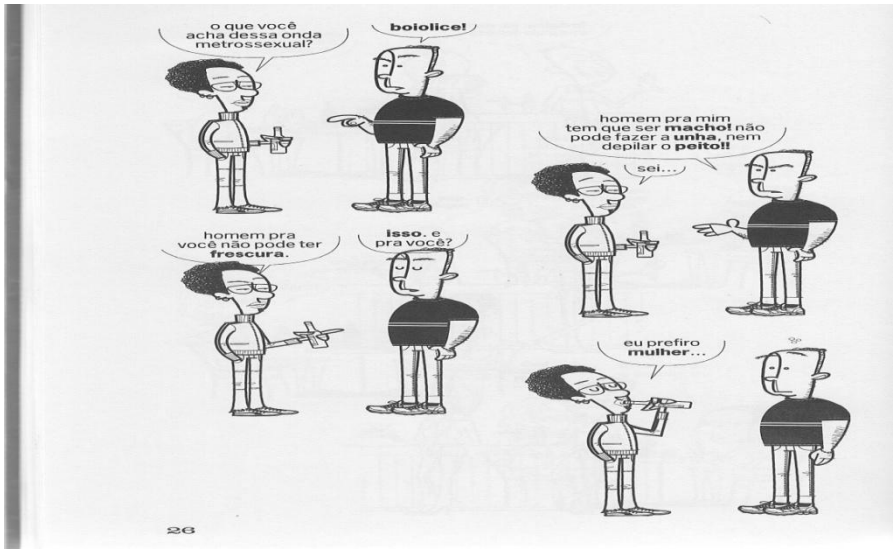
Na consideração dessas duas informações, torna-se possível pensar no título da série de forma intertextual e interdiscursiva – "gente fina é outra coisa" – ditado popular que significa que quando se tem muito dinheiro, tudo se resolve de forma diferente do esperado, tudo é aceitável, tudo é possível, não havendo limites éticos e morais, ditado construído a partir de um estereótipo proveniente do senso comum.

Segundo Lysardo-Dias (2007), o estereótipo constitui um discurso social (e histórico) amplamente difundido que é renovado, atualizado e solidificado a cada situação de uso. Geralmente, provém de um processo de simplificação ou generalização embora não seja estático (ele pode ser renovado e ganhar novos contornos). Na

linguagem midiática, opera como **uma forma de apropriação cultural do real** e como dispositivo para o **estabelecimento de uma relação entre saberes e entre sujeitos**.

Da mesma forma, "gente fina" também constitui termo popular utilizado pelas pessoas pobres, de poucas posses, para designar aqueles que têm muito dinheiro, os ricos. Ou seja, já na escolha do título *Gente Fina*, optando por um e outro significado, Bruno já demonstra a preocupação com as palavras – a escolha do item lexical para o título constitui o primeiro item que o leitor, consciente ou inconscientemente, considera na sua interpretação do cartum.

A consideração dos dois significados para o mesmo item lexical, embora relacionados a um mesmo grupo de pessoas (os ricos), ativa o processo da bissociação(i.e. ativação de dois mundos textuais), tão utilizado nos textos humorísticos, levando ao riso por meio da ambiguidade e da ironia (cf. itens 2.1 e2.2). Continuemos, então, no estudo dos cartuns.



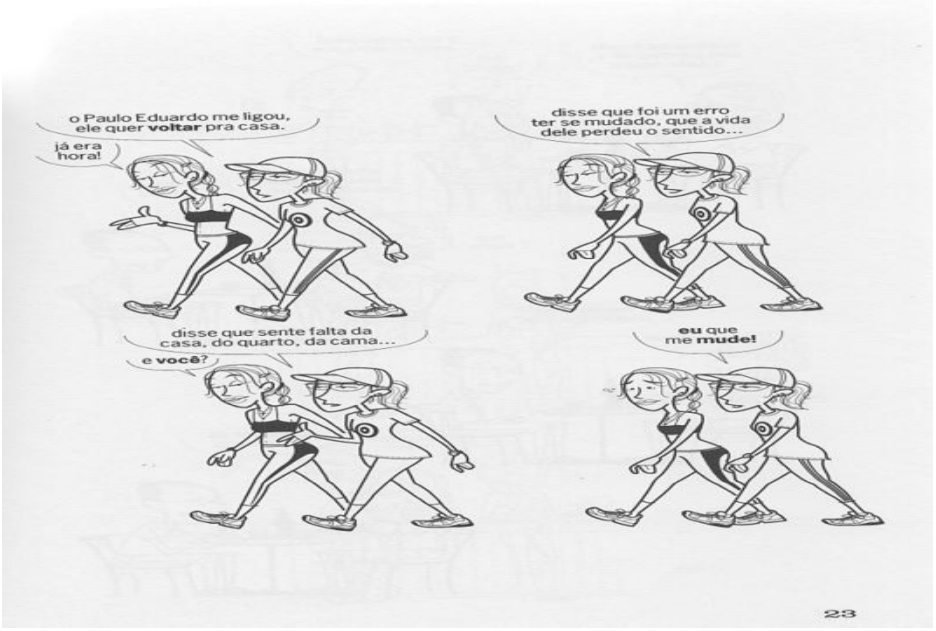
(Cartum # 2: *Gente Fina*, de Bruno Drummond, Editora Desiderata, p. 26.)

Neste cartum, o *gatilho* linguístico para o humor encontra-se no segundo momento do diálogo, quando um dos interlocutores, ao complementar sua resposta à pergunta feita no primeiro momento, começa sua sentença com "homem para mim", estrutura na qual os itens lexicais "para" e "mim" combinados numa sequenciação significam "de meu agrado, com o qual estabeleceria uma relação, com o qual viveria".Este interlocutor passa a ser alvo de pilhéria por ter usado aquela construção em vez da construção sintática "Na minha opinião, homem deve ser...".

O outro interlocutor, mais adiante, de forma irônica, reutiliza a estrutura "homem para você" e acrescenta o substantivo abstrato "frescura", utilizando-o, também ironicamente no sentido de "topar tudo", em sobreposição (e não apenas oposição) a "ser macho", dando o tom do trocadilho. Pressupomos que o tom do interlocutor tenha sido irônico pela sequência do diálogo, visto que quando perguntado "**isso**, e pra você?", ele responde "eu prefiro **mulher**...".

Lembremos que a ironia viola ostensivamente a máxima conversacional griceana da clareza, assumindo caráter desvalorizador. Ela é um tipo de enunciação "essencialmente insolúvel, que carrega valores contraditórios e pode deixar o destinatário perplexo quanto a seu objetivo" (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p.292). Martins (2008, p.264) ressalta que o conhecimento do referente é indispensável para que se compreenda o sentido que se deve atribuir ao enunciado, sentido que, no caso da ironia, é o oposto ao literal.

No cartum analisado podemos perceber como a ambiguidade de ordem lexical, resultante que foi da polissemia, deu origem ao mecanismo da bissociação e funcionou como um mecanismo para a produção do humor por meio da ironia.



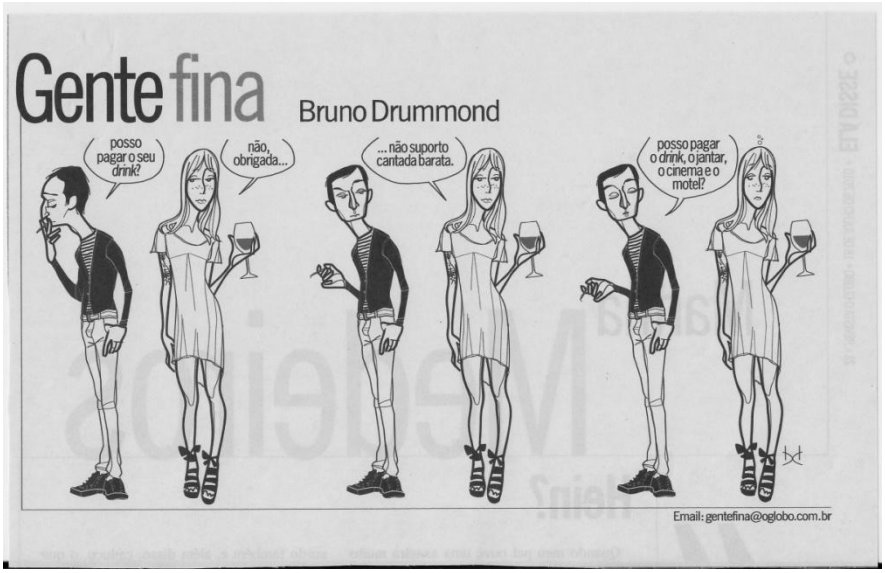
(Cartum # 3:*Gente Fina*, de Bruno Drummond, Editora Desiderata, p. 23.)

Aqui, temos um exemplo de um processo metonímico dando origem à ambiguidade. "Voltar para casa", no seu sentido literal, não quer dizer "Voltar para a esposa, reatar o relacionamento". Esse segundo significado, devido a um processo de aculturação, é associado, metonimicamente, na linguagem cotidiana, à construção

lexical "voltar para casa" e foi dessa construção que o cartunista fez uso para estabelecer a condição de ambiguidade lexical responsável pelo humor.

Observemos que na sequência à primeira fala da personagem separada do marido, todas as construções ainda nos permitem continuar a inferir de que se fala em reatar relacionamento até o momento em que a outra interlocutora pergunta "e **você**?" e não "e **de você**?", querendo saber como ela se sente em relação a tudo isso, mas a primeira interlocutora responde em relação aos sentimentos do marido dizendo "**eu** que me **mude**!".

Podemos observar aí também certa inferência polissêmica em relação ao verbo "mudar" – o marido "mudou-se" ao se separar; "mudou" de opinião e vai se "mudar" para casa novamente e, para isso, a ex-mulher tem que se "mudar" de sua casa. Tal inferência amplia o campo semântico do verbo "mudar" em uso no texto.



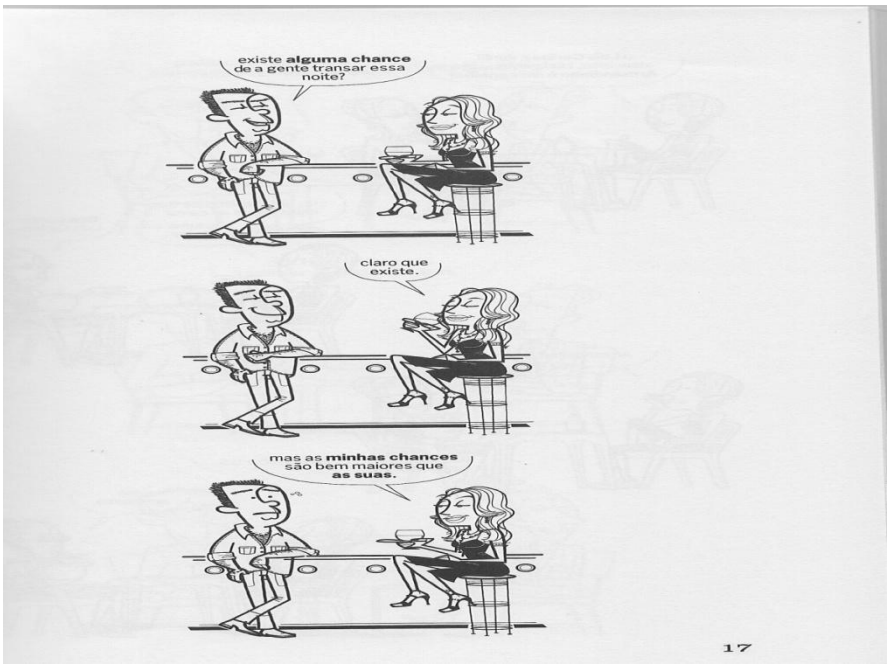
(Cartum # 4: *Revista, O Globo*, 18-07-2010.)

Neste outro cartum, o elemento chave é o adjetivo "barata" que é entendido aqui de duas formas:

1. pela moça, como "aquilo que não tem classe, elegância", o que faz com queinterdiscursivamente entenda a proposta do rapaz como uma forma de "levá-la no papo" para depois, talvez, "levá-la para a cama". Observamos aqui uma ampliação do campo semântico do adjetivo "barata" proposto pelo contexto em que se insere;
2. pelo rapaz, como "aquilo que se vende ou se oferece por preço baixo, ou comparativamente baixo, que não obriga a gastos elevados". O

> *gatilho*linguístico para o humor está exatamente nesta polissemia do item lexical, visto que o rapaz estabelece uma inferência com base em uma oposição antonímica (barata versus cara), ocasionando aí a sua proposta final: "posso pagar o *drink*, o jantar, o cinema e o motel?" em oposição a "posso pagar o seu *drink*?".

Podemos perceber que o humor se constrói também na base da oposição "qualidade" versus "quantidade", na qual o último elemento se mantém, visto que é possível compreender, embora achemos graça, que a cantada do rapaz continue sendo "barata", segundo a primeira forma como foi entendida pela moça, colaborando para a coerência do texto.



(Cartum # 5: *Gente Fina*, de Bruno Drummond, Editora Desiderata, p. 17.)

Vejamos aqui como o humor provém do uso dos pronomes e de seu valor semântico. A pergunta inicial é "existe **alguma chance** de a gente transar essa noite?". Nela a locução substantiva "a gente", que significa "a(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós", e que funciona aqui como pronome, constitui o *gatilho* para o humor, quando associada ao verbo "transar", também na terceira pessoa do singular.

Aproveitando-se de que em seu significado não haja pista nenhuma que indique que o "eu" e "você" tenham de estar envolvidos juntos, em relação um com outro, na mesma atividade, a interlocutora responde ironicamente "claro que existe." E completa:

"mas as **minhas** chances são bem maiores que as **suas**.", ressaltando pelo uso dos pronomes que irão seguir caminhos diferentes. A marcação em negrito dos pronomes ressalta a ironia na sua enunciação, assim como deixa pistas para que o leitor acompanhe o significado arbitrário priorizado pelo contexto.

Caso o cartunista tivesse optado por utilizar "nós" na primeira pergunta, talvez não conseguisse (ou talvez encontrasse tamanha dificuldade) para estabelecer o contexto de ambiguidade que iniciou o humor (o *gatilho*). Ele poderia até pensar em marcar a ambiguidade apenas no uso do verbo "transar" (ter relações sexuais), mas ainda sim isso causaria dificuldade no processo de cooperação dos leitores para a produção do sentido, uma vez que no significado do verbo, mesmo na primeira pessoa do plural, nada indica que haja uma relação de reciprocidade entre os interlocutores.

5. CONCLUSÃO

Tendo apresentado como *corpus* de análise cinco cartuns da série *Gente Fina*, além de trechos de entrevistas de Bruno Drummond ressaltando o valor da seleção lexical para a construção de cartuns, acredito que este trabalho venha de alguma forma contribuir para que se compreenda que por mais que um texto de humor possa provocar o riso por apresentar incoerências, como em uma resposta não prevista, em um desfecho insólito, na quebra da expectativa, na ambiguidade, esses processos só operam no nível da compreensão do leitor porque houve um trabalho de seleção lexical prévio visando a tais efeitos, segundo os preceitos da estilística da palavra, relacionando conhecimentos da semântica e da lexicologia.

Ao compreendermos um texto de humor, tiramos proveito da ambiguidade, da plurissignificação, do nível metonímico e metafórico da linguagem, assim como trazemos à superfície intertextos e interdiscursos, conhecimento de mundo necessário ao estabelecimento da coerência textual, à construção do percurso temático, indo ao encontro dos preceitos da estilística da enunciação, reafirmando também os fatores pragmáticos da textualidade.

Considerando os textos analisados, é possível perceber como a escolha lexical configura-se como fator primordial na sua elaboração, ativando fatores de textualidade que não seriam invocados em outros gêneros, entendendo como a compreensão e a

produção de um texto vão além de apenas compreender ou organizar palavras em frases e parágrafos, mas acontecem por meio do estabelecimento de "um amplo mecanismo a partir do qual o pensamento e as pretensões comunicativas do autor se apresentam para reflexão e avaliação do leitor" (HENRIQUES, 2008, p.106).

Assim, é necessário mostrar aos nossos alunos como o estudo e o conhecimento da língua, de suas possibilidades estilísticas e de sua capacidade de inovação e renovação, quando aplicados a atividades de leitura e produção textuais, pode levá-los a exercer de fato o domínio da expressão linguística, assim como dos processos enunciativos de um texto.

STYLE AND HUMOR: THE LEXICAL CHOICE IN BRUNO DRUMMOND'S CARTOONS.

ABSTRACT
This paper aims at presenting a study of the lexical choices in the cartoons by Bruno Drummond, considering that those choices are materialized as key stylistic elements for the establishment of humor in such discursive genre. The support for such analysis is to be found in Lexicology and Semantics (VILELA,1994; ALVES,2007; HENRIQUES,2008; RASKIN,1985), as well as in the presuppositions of Text Linguistics (POSSENTI,1998; FRANÇA,2003; VALENTE et alii,2005), of Stylistics (CARVALHO,2004; FLORES et alii.,2009, BRAIT,2005, MARTINS, 2008), of Discourse Analysis (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU,2008) and of Pragmatics (REYES,1994).

Key-words: Lexical Choices; Polissemy; Stylistics; Textuality;Humor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. "Neologia e níveis de análise linguística". In: ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (org.). *As ciências do léxico*. (vol. III) Campo Grande, MS e São Paulo: Ed. UFMS /Humanitas, 2007.

BRAIT, Beth. "Estilo". In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CARVALHO, Castelar de. "A Estilística e o ensino de Português". In: *Língua e Estilo no Texto Literário: Cadernos do CNLF*,vol. VIII, nº 12. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2008.

DRUMMOND, Bruno. *Gente Fina*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

_____. *Gente Fina*. Disponível na Internet via www.brunodrummond.com.

_____. *Gente Fina*. *O Globo*. Rio de Janeiro: 18 de julho de 2010. Revista.

FLORES, Valdir do Nascimentoet alii. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. "A retórica do riso nas crônicas de José Simão" (2003). In: MOSCA, Lineide Salvador (org.). *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *O estudo do léxico e da sintaxe a serviço das aulas de português*. In: HENRIQUES, Claudio Cezar e SIMÕES, Darcília. *Língua Portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2008.

KALUNGA (Revista virtual). "Mulher Inflamável". Disponível na Internet via http://www.kalunga.com.br/revista/revista_set07_09.asp

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1990) *A coerência textual*. São Paulo, Contexto (Repensando a língua portuguesa).

LYSARDO-DIAS, Dylia. "A Construção e a Desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira". In: *Stockholm Review of Latin American Studies*. Stockholm, Sweden: Institute of Latin American Studies, issue #2, November 2007. Disponível na Internet via www.lai.su.se.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: Edusp, 2008.

MOULATLET, Ana Luiza. "Riso, reflexão e registro definem trabalho de cartunista Bruno Drummond". Artigo publicado em 28/12/2009 na forma digital do *Portal*

Imprensa. Disponível na Internet via http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2009/12/28/imprensa32920.shtml

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Holland: D.Reidel Publishing Company, 1985.

REYES, Graciela. *La pragmática linguística: elestudiodel uso dellenguaje*. Barcelona: Editorial Montesinos, 1994.

STEGUN, Renato Monteiro. "A caricatura". Disponível na Internet via http://fabricarica.2it.com.br.

VALENTE, André Crim. "O processo de criação das charges. Mesa-redonda com Ique e Aroeira". In: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. SANTOS, Denise Salim. CORADO, Patrícia Ribeiro. "Lexicologia e discurso na mídia e na literatura" (2004). In: HENRIQUES, Claudio Cezar e SIMÕES, Darcília (org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2005.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.